

Quinta-Feira, 28 de Julho de 2005

Personalize seu Correio

Procure  
no Correio

## AQUI SALVADOR

### **Pesquisadores obtêm sucesso no uso de células-tronco em paciente**

**A baiana Débora Mangabeira, portadora de ELA, teve sintomas retrocedidos após transplante**

*Ciro Brigham*



O hematologista Ronald Pallota integra a equipe de cientistas que realizou o experimento

Mais do que torcer, agora é acreditar que falta pouco. Pacientes de doenças neurodegenerativas vivem a esperança de voltar a ter uma vida normal, ou pelo menos, recuperar grande parte das funções e movimentos. Uma pesquisa pioneira realizada por cientistas de Salvador, com a utilização de células-tronco adultas, fez retroceder vários sintomas numa paciente com esclerose lateral amiotrófica (ELA).

A equipe é formada por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (setor de neurologia), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Centro de Transplante de Medula Óssea (parceria entre a Secretaria Estadual de Saúde e Fundação Hemoba com o Hospital Português).

No experimento, a bioquímica Débora Mangabeira, 32 anos, recebeu tanto células-tronco hematopoéticas (utilizadas em transplantes de medula óssea), quanto células mesenquimais (usadas para a regeneração de tecidos em áreas lesadas no sistema nervoso). "Muitos trabalhos mostravam que doentes transplantados com as células-tronco hematopoéticas estacionavam, mas não regeneravam. Com o estudo das mesenquimais, observamos que havia essa possibilidade", explica o hematologista Ronald Pallota, da Fiocruz.

Portadora de ELA, doença auto-imune associada à degenerativa, Débora há três meses estava deprimida, praticamente limitada à cadeira de rodas, com dificuldades na respiração, fala e movimentos. O mal, que paralisa os músculos progressivamente, havia imobilizado o lado esquerdo do corpo da paciente. Após o transplante, muita coisa mudou.

A terapia controlou a doença auto-imune e a paciente teve melhoras neurológicas significativas. Atualmente no quarto mês de tratamento, a bioquímica já faz movimentos com os braços, não engasga mais quando come e nem se cansa ao conversar. Apesar de todos os avanços, Pallota prefere a cautela: ele diz que é cedo para saber se Débora ficará totalmente curada.

Mesmo para os céticos, é impossível negar que o estudo abre novas e animadoras perspectivas. "Até hoje, não há tratamento convencional que mude a história natural das doenças degenerativas. Então, esse avanço abre a porta da esperança para um tratamento viável. Vai depender muito dos próximos resultados, já que temos um quadro

experimental", coloca o hematologista.

A equipe de pesquisadores já começou o procedimento com um segundo paciente. Todo o processo de pesquisa é regido por um comitê de ética, e por se tratar de um experimento, ainda não é convencionalmente aplicado a outros doentes que não os escolhidos pelos cientistas. Mas a notícia corre e a esperança tem pressa.

Alexandre Teixeira Lucas tem 35 anos, mora em São Paulo (SP) e desde os 4 é portador da distrofia muscular de Duchenne - doença onde a musculatura é substituída por tecido adiposo (gordura), causando falências respiratória e cardíaca. Ele usa um respirador mecânico 24 horas e só pôde conversar com o Correio da Bahia graças a uma traqueostomia. Lucas é o fundador do Grupo Voluntário Fênix, um dos responsáveis pela mobilização que pressionou o Congresso Nacional a aprovar as pesquisas com células-tronco no início do ano.

Para Lucas, os avanços nas pesquisas do grupo de Salvador e a surpreendente melhora de Débora são ótimos sinais. "A gente tem uma esperança muito grande nessa técnica. São pessoas dignas, confiáveis e de responsabilidade. Acho que no final do ano que vem a gente já deve ter novidades muito boas por conta disso, uma luz", destaca.